



## IX Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire

**Eixo temático 2-** O enfrentamento dos problemas locais, participação dos cidadãos e das cidadãs, visando um maior empoderamento e renovação democrática da vida social e política.

Título: AS RELAÇÕES DEMOCRÁTICAS NO RECREIO: PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO DO COTIDIANO

FERNANDES, Janaina Melques PROGEPE/UNINOVE – janainamelques@hotmail.com  
SEVERINO, Francisca Eleodora Santos – PROGEPE/UNINOVE – [frasev@uol.com.br](mailto:frasev@uol.com.br)

### Resumo:

O relato apresenta reflexões sobre os primeiros diálogos feitos com crianças de uma escola pública localizada em Santos-SP-Brasil, sobre as concepções que as mesmas têm do seu recreio. Parte-se então, de procedimentos iniciais para organizar a pesquisa de mestrado profissional em Educação, realizada por Janaina Melques Fernandes, sob a orientação de Francisca E. Severino, no qual o objeto é o recreio como possibilidade de construção de um tempo-espaço democrático. A pesquisa pretende identificar as possibilidades e dificuldades de construir coletivamente um recreio de maneira democrática, levando em consideração os conhecimentos, as histórias e propostas de todos que nele atuam cotidianamente: alunos, cozinheiros e inspetores e eventualmente professores. Dessa forma nossa tarefa não é propriamente definir o conceito de recreio, nem tampouco tomá-lo como um espaço dado entre aulas em que crianças descansam, brincam interagem. Pelo contrário, assumimos perante o recreio uma atitude comprometida de quem não quer apenas descrever o que se passa entre as crianças, ou como se passa, mas nossa atitude é aquela comprometida com a transformação da realidade deste espaço escolar pouco ou nada envolvida com as relações de aprendizagem. Como Freire, que tomamos como referência teórica, entendemos que trabalhar educação e pensar sobre ela, compreender e contribuir para a transformação de suas instituições, consiste na ação política pela democracia nas relações escolares.

**Palavras chave;** Recreio, relações de poder, projeto político pedagógico. Tempo e espaços escolares

### Justificativa

Por ser o recreio considerado um espaço livre, o trabalho problematiza como as interações entre crianças, professores e demais sujeitos que atuam na escola são postas em funcionamento, bem como tais interações são ali intensificadas mediante a presumida liberdade. Os dados são coletados por meio de diálogos, entrevistas, observações e o diário de campo. As análises preliminares permitiram perceber que as ações entre crianças, professores e funcionários não são isentas de poder. Reconhecendo

o recreio como um tema de investigação, nossa proposta é compreendê-lo como um desafio histórico e em sua relação contraditória.

As pesquisas relacionadas à temática do recreio, apesar de desenvolvidas com diferentes referenciais e abordando diversos aspectos, como os estudos de Neuenfeld (2005), Linck (2009) e Pinno (2008), têm em comum a percepção de que o recreio é tratado como um campo desvinculado de um pensamento pedagógico. Entendemos que dessa maneira é possível que diferentes discursos e estratégias de controle estejam presentes nas interações que acontecem no recreio, demarcando-se muitas vezes como um tempo-espaço autoritário, de reprodução de valores que não dialogam com o pensamento político-pedagógico da escola. Ao mesmo tempo, as pesquisas também o identificam como um campo de grandes possibilidades educativas. Essas questões devem ser levadas em consideração quando se trata de assumir perante o recreio e seus sujeitos uma atitude comprometida com a transformação. De fato, o trabalho visa uma intervenção no recreio da escola pesquisada, a partir dos resultados obtidos utilizando o referencial teórico freiriano para fundamentar os diálogos e mediações na construção do conhecimento coletivo, por parte de inspetoras, inspetores, cozinheiras, cozinheiros e crianças. Como recomenda Freire (2011a, p.157). “Nossa atitude comprometida - e não neutra – diante da realidade que buscamos conhecer resulta, num primeiro momento, de que o conhecimento é processo que implica a ação-reflexão do homem sobre o mundo”. A tarefa pretende também, comprovar a atualidade e necessidade da concepção freiriana de educação no processo de emancipação e protagonismo dos sujeitos que participam do cotidiano escolar.

A concepção freiriana de educação considera que as trabalhadoras e trabalhadores da escola, não só as educadoras, mas também inspetoras, inspetores, zeladores, cozinheiras, cozinheiros, faxineiras, faxineiros entre outros, são responsáveis pelo processo educativo e pelo currículo que está em constante construção no cotidiano escolar (FREIRE, 2011b). Para Freire (2011b), estes sujeitos devem ter voz nos processos de elaboração e organização do currículo, já que possuem conhecimentos e experiências relacionadas ao cotidiano escolar, seja com a organização dos espaços e tempo escolar, com a alimentação, com os alunos ou com outros funcionários. Todavia, esse saber que no processo é fundamental para a vida coletiva, se constrói a partir de um ponto de vista autoritário e do qual os docentes e a equipe gestora não participaram da sua elaboração. Na realidade, eles participam da organização e da rotina escolar abordando outros aspectos. Concebemos essa afirmação a partir da verificação do regimento escolar, que identifica as funções de cada funcionária e funcionário da escola. É preciso então, no processo da pesquisa, grande atenção pois, “ ao adentrar-nos na compreensão de um tema, ao desvelá-lo, desvelamos igualmente o seu contrário, o que nos impõe uma opção que , por sua vez, passa a exigir de nós uma forma de ação coerente com as tarefas apontadas no tema”. (FREIRE, 2011a, p.157) Portanto os saberes e experiências de todos os funcionários da escola devem ser levados em consideração na construção do Plano Político Pedagógico da escola, todavia vale

lembrar que “não devemos submeter nosso procedimento epistemológico à ‘nossa verdade’, mas buscar conhecer *a verdade* dos fatos.” (FREIRE, 2011a, p156).

### **A necessidade do recreio como um novo espaço pedagógico democrático**

Por isso afirmamos a necessidade urgente de construir caminhos para superar o entrecruzamentos de vozes e discursos muitas vezes contraditórios que permeiam o recreio. É é nessa urgência que entendemos a proposta emancipatória de Paulo Freire (2011b) como um caminho de superação. A pesquisa documental nos auxiliou a identificar como as políticas públicas e o Projeto Político-Pedagógico da escola definem e tratam o recreio. Não encontramos na Lei de Diretrizes e Bases brasileira aspectos que tratem de maneira específica o recreio ou uma orientação sobre como ele deve ser tratado. O documento que define o perfil e a identidade da escola apontando os caminhos pedagógicos propostos coletivamente, segundo os pressupostos teóricos e as concepções relacionadas à escola e comunidade escolar, é o Projeto Político-Pedagógico, que veio do bojo de políticas democratizantes, pela implementação da Lei 9.394/96, que estabelece que os estabelecimentos de ensino terão a incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica. A escola é representada pelos diferentes segmentos que constituem sua comunidade, diagnostica sua situação administrativo-pedagógica, social, estrutural e educacional e, a partir dos indicadores resultantes do diagnóstico, traça objetivos, propõe metas, planeja ações para que, ao longo de um período letivo, alcance sucesso na aprendizagem do aluno. Todavia, A consulta ao P/P/P da escola pesquisada constatou que também, neste caso, ele não trata o recreio como um espaço de lazer com potencial educativo. A única menção a ele é a demarcação de horário para a refeição.

Decidiu-se então, ter uma primeira conversa com as crianças que vivenciam o recreio, afinal, este é um momento muito esperado por elas. Para tanto, a pesquisadora, que também atua como professora da escola propôs dois questionamentos para as crianças dos 2º ano da escola: Vocês podem brincar no recreio? Do que vocês gostariam de brincar?

As respostas trazem um panorama inicial sobre como as crianças pensam o recreio acerca das possibilidades reais de experiências e do que elas gostariam de brincar. Contudo, ressaltamos que no caso estudado, tais percepções foram sendo construídas pela investigadora, durante um certo tempo, em meio as relações cotidianas que se dão no próprio contexto escolar entre criança /criança e adultos /crianças, uma vez que a investigadora é também professora da referida escola. Embora tenha percebido que o recreio é constituído pelas ações espontâneas e desordenadas das crianças que, em alguns momentos, são conflituosas e nas quais a agressividade é potencializada através das brincadeiras, o objetivo principal do recreio, aceito culturalmente como fato dado é o descanso das atividades de aprendizagem e o gasto de energia, fato que justifica de certa forma a pretensa liberdade para brincar, mesmo que esta brincadeira se imponha como coerção e manifestação de poder de uns sobre outros. A partir destas constatações

pelas quais prevalece, num primeiro momento, o entendimento de que o recreio é um momento essencial e um espaço de descontração, fato que justifica o não investimento pedagógico neste espaço e tempo, aprofundando a observação que, num segundo momento, é possível ter uma compreensão de que as crianças não têm voz para decidir ou discutir o momento em que elas poderiam ser mais livres. A constante busca pelo controle, reproduzido por meio de ordens e broncas, também acabam por produzir valores relacionados ao que é considerado certo e errado. A concepção de poder, que está geralmente nas mãos de inspetores, também é reproduzida pelas crianças como normas disciplinares que não devem ser desrespeitadas. A hierarquia das relações escolares tem no recreio um espaço privilegiado de manifestação e acaba por servir às crianças como meio e fim em si mesmo da reprodução e aprendizagem de relações autoritárias. Acaba de fato constituindo-se como um espaço que limita as experiências e possibilidades de ações criativas e dialógicas que acontecem por parte das crianças. A ordem e disciplina são aí privilegiadas e as crianças sabem muito bem disso.

Estas observações se confirmam quando, mediante diálogo com as crianças, a investigadora propôs as duas perguntas que balizaram a investigação junto a elas, a saber: Vocês podem brincar no recreio? Do que vocês gostariam de brincar? Contradizendo a concepção de que o recreio é um espaço de descontração e de brincadeiras, as crianças esclarecem, nas primeiras respostas, que o que elas gostariam de brincar é de atividades que não exigem muita movimentação, tais como killer, adoleta, teatro de fantoche. Assim como na resposta do aluno 1, após a sugestão futebol do aluno 9: “que futebol o que? Não pode”.

Esta experiência com apenas as duas questões proporcionam reflexões que vão orientar a organização de novos diálogos com as crianças, inspetores e cozinheiros. Dessa forma poderemos compreender também como estes interpretam o recreio e as brincadeiras das crianças. Pretendemos com isso também identificar os diferentes discursos para poder problematizá-los por meio do diálogo na intervenção.

O diálogo tem especial importância na pedagogia freiriana. É um dos elementos fundamentais para superar a pedagogia autoritária, com a imposição de visões de mundo e reprodução dos valores dominantes. Para conceber uma educação dialógica, é necessário o constante exercício da escuta de todos os envolvidos. Implica reconhecer o outro como sujeito que aprende e ensina, não importando sua idade ou condição funcional. O diálogo é de fato fundamental na construção do conhecimento. A pedagogia freiriana entende que ninguém educa nem aprende sozinho. A comunicação é necessária para transformar o mundo. Para tanto, “somente escutando é que aprendemos a falar com o outro e não para o outro” (SANTOS NETO, 2009, p.34).

### **Considerações finais**

A análise documental explicitou que, embora haja na escola escolhida como o local deste estudo, o instrumento democratizante que é a construção coletiva do Projeto Político Pedagógico, o recreio como um espaço tempo pedagógico a ser contemplado foi deixado de lado, entre as diversas tarefas que são organizadas sistematicamente no

cotidiano escolar. Essa falta de preocupação possibilita as mais diversas formas de tratamentos por parte dos sujeitos que atuam no recreio, entre as quais se destacam a violência física ou simbólica e o *bullying*. Não há uma preocupação pedagógica ou a construção de um pensamento que possa trazer algum tipo de referência para mediar as interações que ali acontecem. Dessa maneira consideramos tão necessário pensar no recreio, nas suas possibilidades e limitações para transformá-lo também num campo fértil de produção do conhecimento escolar em processo democrático .

Tomando a concepção de diálogo e construção de conhecimento na perspectiva de Paulo Freire, pretendemos organizar e experimentar uma práxis que busque caminhos para a construção de um recreio democrático, a fim de que o processo emancipatório aconteça até nos momentos escolares menos pensados pedagogicamente.

### **Referências.**

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança – um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2011b.

BREZINSKI, Iria ( org.) **LDB/1996- Contemporânea: contradições, tensões, compromissos**. São Paulo, Ed. Cortez, 2014.

LINCK, Rosane S. **Hora do Recreio! Processos de pertencimento identitários juvenis nos tempos e espaços escolares**. Porto Alegre: UFRGS, 2009, 152 p. DISSERTAÇÃO (Mestrado em Educação): Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2009.

NEUENFELDT, Juliano D. **Recreio escolar: espaço para “recrear” ou necessidade de “recriar” este espaço?** Lajeado: Univates, 2005.

PINNO, Fabiane S. **Recreio escolar. Práticas corporais e suas significações**. Ijuí: Unijuí, 2008, 106p. DISSERTAÇÃO (Mestrado em Educação): Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. 2008.

SANTOS NETO, Elydio dos. Paulo Freire e Gramsci: contribuições para pensar educação, política e cidadania no contexto neoliberal. **Revista Múltiplas Leituras**, v.2, n.2, p. 25-39, jul/dez. 2009.